

Hospitalidade Sob a Vertente Rural: uma reflexão acerca de sua reconstituição simbólica

Hospitality Under the Rural Shed: a reflection about their symbolic reconstruction

Hospitalidad Bajo el Tematica Rural: una reflexión acerca de su reconstrucción simbólica

Alissandra Nazareth de Carvalho¹

Resumo

O presente artigo visa discutir a atividade turística rural e suas implicações à essência da hospitalidade. Busca refletir acerca de uma compreensão preliminar do turismo no meio rural, visto que esse assunto demanda uma abordagem um pouco mais profunda em ambientes conceituais mais amplos do que aqueles em que se estudam o turismo rural no Brasil. Algumas das considerações apresentadas neste artigo são fruto da tese de doutorado intitulada “Análise da relação simbólica da hospitalidade: desdobramentos e apropriações em fazendas históricas inseridas em espaços rurais” cujo objetivo principal foi analisar a relação contraditória estabelecida entre a hospitalidade doméstica de outrora e a hospitalidade comercial da contemporaneidade, tendo como objeto de estudo fazendas históricas paulistas, que hoje se comportam como turísticas, tendo sido adaptadas com vistas a um atendimento voltado para a qualidade e o serviço. No presente artigo, objetivou-se discutir a reconstituição simbólica da hospitalidade, interpretando-a enquanto produto e refletindo sobre a comercialização do rústico e da ruralidade, da simplicidade e do “caipira”, que vem a ser trabalhada de uma forma requintada, luxuosa e comercializável, segundo critérios de qualidade e serviço, em atendimento às regras da hospitalidade. Para um melhor entendimento temático, discutiu-se a respeito do ambiente doméstico familiar e suas características, buscando compreender quais características são representativas para o desenvolvimento futuro de uma atividade turística e suas respectivas motivações.

Palavras-chave: Turismo Rural; Hospitalidade; Espaço Rural; Ruralidade.

Abstract

This paper discusses about the influences in the process of rural tourism and its implications to the essence of hospitality. Aims to reflect on a reasonable understanding of tourism in rural areas, since this subject requires a somewhat deeper approach into broader conceptual environments than those in which they are studying rural tourism in Brazil. Some of the considerations presented in this article are the result of a doctoral thesis entitled Analysis of

¹ Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) de Rio Claro. Mestre em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Professora do Curso de Bacharelado em Turismo no Departamento de Geografia, Turismo e Humanidades do Centro de Ciências Humanas e Biológicas da Universidade Federal de São Carlos UFSCar. Brasil.. E-mail: alissandra@ufscar.br.



Symbolic relationship of Hospitality: developments and appropriations entered in historic farms in rural areas, whose main objective was to analyze the contradictory relationship between domestic hospitality of the past and commercial hospitality nowadays, with the object of São Paulo historic farms, which now behave as tourist study, having been adapted with a view to a service focused on quality and service. This present article aimed to discuss about the symbolic reconstruction of hospitality, interpreting it as a product and thinking about marketing and rural life, the simplicity and the "rustic", which happens to be crafted in a refined form, luxury marketable, according to criteria of quality and service, in compliance with the rules of hospitality. For a better understanding theme, it was discussed about the familiar home environment and its characteristics, trying to understand what characteristics are representative for the future development of tourism activities and their motivations.

Keywords: Rural Tourism; Hospitality; Rural Area; Rurality.

Resumen

Este artículo discute acerca de las influencias en el proceso del turismo rural y de sus implicaciones para la esencia de la hospitalidad. Tiene como objetivo reflexionar sobre una comprensión del turismo en las zonas rurales, ya que este tema requiere un enfoque algo más profundo en termos conceptuales que aquellos en los que están estudiando el turismo rural en Brasil. Algunas de las consideraciones presentadas en este artículo resultan de tesis doctoral titulada Análisis de la relación simbólica de la hospitalidad: los desarrollos y créditos consignados en finca histórica en el medio rural, cuyo objetivo principal fue analizar la relación contradictoria entre la hospitalidad domestica del pasado y la hospitalidad comercial hoy en día, teniendo como objeto de estudio las fincas históricas de São Paulo, que ahora se comportan como turísticas, habiendo sido adaptadas para un servicio centrado en la calidad. El presente artículo tiene como objetivo discutir sobre la reconstrucción simbólica de la hospitalidad, interpretándola como un producto y pensando en la comercialización de la vida campestre y rural, la sencillez y lo "rústico", que pasa a ser visto en una forma refinada, de lujo comercial, segundo criterios de calidad y de servicio, de acuerdo con las reglas de la hospitalidad. Por una mejor comprensión, se discutió sobre el entorno familiar y sus características, tratando de entender qué características son representativas para el futuro desarrollo de las actividades turísticas y sus motivaciones.

Palabras clave: Turismo Rural; Hospitalidad; Espacio Rural; Ruralidad.

1. Introdução

O presente artigo visa discutir as mudanças no processo da atividade turística rural e suas implicações à essência da hospitalidade, assunto que demanda uma abordagem conceitual mais ampla do que as usuais no Brasil. Quando se trata da temática, busca-se uma abordagem sistêmica das especificidades e vicissitudes das várias partes do meio rural brasileiro, uma vez que estas variam conforme o contexto em que se inserem. As informações e considerações



aqui apresentadas representam recortes de um trabalho maior, que culminou na tese de doutorado intitulada *Análise da relação Simbólica da Hospitalidade: desdobramentos e apropriações em fazendas históricas inseridas em espaços rurais*, cujo objetivo principal foi O DE analisar a relação contraditória estabelecida entre a hospitalidade doméstica de outrora e a hospitalidade comercial da contemporaneidade, tendo como objeto de estudo fazendas históricas paulistas, que hoje se comportam como turísticas, tendo sido adaptadas com vistas a um atendimento voltado para a qualidade e o serviço.

Para o desenvolvimento da tese, discutiu-se a temática da espetacularização e da interpretação da hospitalidade enquanto produto nas referidas fazendas que estão inseridas na Associação Roteiros de Charme, cujo mote de comercialização descansa sob a égide do requinte da mercadoria, ou seja, o que aparentemente é considerado símbolo do rústico, da simplicidade e do “caipira” é trabalhado de uma forma requintada, luxuosa e comercializável, atendendo critérios de qualidade e serviço, em atendimento às regras da hospitalidade. Dentre as fazendas que compõem a Associação Roteiros de Charme, apenas as localizadas no Estado de São Paulo atenderam as características de terem feito parte do ciclo produtivo do café, sendo elas a Fazenda Capoava em Itu e a Fazenda Águas Claras em Itapira, ambas foco deste artigo. Estas duas fazendas representam importantes propriedades rurais que propiciam hospedagem e cujo atrativo se constitui no conjunto composto pelo ambiente rural, pela história e pela gastronomia, com toda arquitetura característica.

A justificativa do estudo se deu pelo fato de estas fazendas serem componentes de um patrimônio cultural imaterial e material, remanescentes de um ciclo produtivo de importância determinante, tal como foi o ciclo do café, fortemente representado por relações e ditames familiares dos casarões. Ditames estes que envolviam aspectos da hospitalidade, presentes da dinâmica social e política da época, pautados por regras familiares e domésticas, processo no qual a mulher tinha um papel fundamental. Esses casarões, nos dias de hoje, são utilizados para a atividade turística.

Para a realização de tal análise foi utilizado o método lefebvriano, que prevê três momentos de investigação: o descritivo, o analítico-regressivo e o histórico-genético. O primeiro momento - o descritivo - se deu através da descrição do objeto de estudo, nesse caso a hospitalidade em fazendas históricas paulistas e a Associação Roteiros de Charme, com o apoio de técnicas de observação sistemática e entrevistas exploratórias. O segundo momento



foi o analítico-regressivo, que previu a análise da realidade descrita, sem fechá-la totalmente, isto é, foram consideradas as contradições e as possibilidades observadas no espaço rural no que diz respeito ao turismo rural. O terceiro momento previsto pelo método foi o histórico-genético, fase também conhecida como regressiva-progressiva, quando reencontramos o presente já descrito, retomando as modificações assumidas pela hospitalidade e suas relações com o espaço e o tempo rural, discutindo a apropriação simbólica de aspectos da ruralidade com vistas à hospitalidade (ORTIGOZA, 2010).

Além disso, foi necessário aprofundar a conjuntura das fazendas históricas, sendo que as mesmas se inserem em um contexto simbólico que remete à ruralidade, ao produto da relação homem-natureza, revelando a identidade de um povo, seu modo de vida, suas relações econômicas, domésticas e culturais, traçadas mediante sua ligação com a terra, garantindo uma rede de significados que são construídos pela história e somados à cultura civilizadora, produzindo características representativas para o desenvolvimento futuro de uma atividade turística, em atendimento às tendências que buscam essa vertente.

Durante o tempo do plantio do café, nos séculos XVIII e XIX, era possível observar ser de praxe receber visitantes no ambiente das fazendas e hospedá-los na casa grande, fomentando um espaço de trocas e relação social que promovia o estreitamento de laços por motivos de amizade e, sobretudo, comerciais. Ou seja, havia uma regra implícita que remetia ao referido contexto de civilidade, culminando em uma troca de favores entre as partes, ainda que estes favores extrapolassem a seara subjetiva: não existia pagamento propriamente dito por estar sendo hospedado, entretanto, havia um acordo de boas maneiras, de dever simbólico.

Era possível observar as tocas estabelecidas pela hospitalidade também em se tratando do recebimento de imigrantes nas fazendas, quando estes chegavam para trabalhar e recebiam, além do seu ordenado combinado, acomodação e alimentação, o que veio a se transformar em casas de colonos e que hoje são utilizadas como unidades habitacionais, oferecidas comercialmente no ambiente das propriedades e adaptadas para compor o produto turístico ofertado no pacote de hospedagem nessas fazendas históricas. É possível também observar a reutilização das senzalas, outrora construídas para aprisionar os escravos, e hoje, vendidas, paradoxalmente, com argumento de conforto e aconchego. Ademais, há a separação entre



senzala padrão e senzala *loft*, onde os quartos mantêm a originalidade de um único cômodo sem divisão, retomando o argumento do requintado através da tipicidade *loft*².

No presente artigo, todavia, o objetivo restringiu-se a discutir acerca de dois conceitos importantes que explicitam uma condição (ruralidade) e também uma situação (espaço rural) que parecem ser importantes para gerar novos olhares sobre o turismo que se realiza no meio rural paulista e que, segundo observado, está cercado de questões muito particulares e bem distintas. Uma questão relevante que permeia a compreensão crítica do espaço rural em contraposição ao urbano está na memória das gerações que migraram do campo para a cidade como parte do processo de industrialização ocorrido em décadas passadas, incluindo-se aí reminiscências de festas, músicas, danças e celebrações, tradições de contar “causos” e estórias, culinária e saberes sobre ofícios e técnicas em processo de desaparecimento. Constata-se, pois, uma situação peculiar: atores sociais que são capazes de uma identificação com o universo rural e seus elementos vivem no espaço urbano, aumentando assim a dialetização dos opostos urbano/rural e configurando-se em fonte de informações indispensáveis para difundir o conhecimento deste passado nas novas gerações.

Em paralelo, o estudo e compreensão do modo de vida das comunidades rurais é fator essencial para gerar continuidade da tradição local, seus saberes e fazeres, suas formas de sociabilidade e estabelecimento de vínculos identitários. Acrescenta-se que este universo cultural em vias de desaparecimento é percebido por outros agentes sociais - em especial na esfera econômica dos serviços – como potencial gerador de riqueza em uma perspectiva de abertura a modelos sustentáveis de atividades econômicas. Por outro lado, a idealização romântica do campo, expressa em textos de diversas matrizes teóricas ao longo dos séculos XIX e XX, bem como a projeção de valores urbanos contemporâneos no espaço agrário,

² O nome *loft* se refere a mezanino, mansarda, sótão ou espaço semelhante (geralmente usado para armazenagem) sem repartições, situado logo abaixo do teto de uma casa, fábrica, celeiro, galpão ou armazém. Seu uso na arquitetura pode ser encontrado desde o século XIII, na expressão *hayloft*, que é um depósito de feno situado em mezanino de celeiros, sendo também usado como alojamento de empregados da fazenda. O conceito de *loft* urbano foi consagrado mundialmente, com a reutilização de grandes espaços industriais de Nova Iorque. T tamanha foi a repercussão desta época, que hoje, muitos dos apreciadores da vida em *lofts*, atribuem seu local de nascimento a Nova Iorque, ignorando suas origens rurais. Guardadas as devidas proporções, os *lofts* representavam um espaço residencial diferenciado, que só encontrava paralelo nos sofisticados apartamentos de cobertura. Dentre suas características podemos ressaltar que comumente se situam em mezaninos, tem o pé direito elevado (geralmente duplo), plano aberto, planta livre, sala e cozinha integrados, e na maioria dos casos, grandes áreas envidraçadas e ausência de divisões tanto verticais, como horizontais. O conceito de *loft* continua evoluindo, incorporando novos elementos tais como, eficiência energética, sustentabilidade, *design* universal e acessibilidade.



revelam-se geradores de distorções que implicam muitas vezes no desaparecimento de traços característicos da vida em comunidade fora das urbes.

Nessa abordagem as distinções entre cidade e campo caem por terra, uma vez que cada espaço contém em si contradições, ambiguidades e conflitos que são o resultado da relação entre sistemas de valores e de interesses diferentes. As categorias rural e urbano não designam espaços ou propriedades empiricamente observadas, mas representações sociais. Ainda, aspectos da valorização da paisagem rural. Quando nos referimos ao homem urbano, importante ressaltar o processo de construção cultural pelo qual ele passou para que, a partir dessa construção individual e também coletiva, verificar quais associações está acostumado a fazer, ou seja, quais retomadas histórias, ambientais, sentimentais e sociais farão com que este homem, através da representação dos símbolos, sinta-se atraído e impelido ao movimento da busca por algo que, nesse contexto, se refere ao ambiente rural.

Assim sendo, no presente artigo buscaremos entender o porquê do crescente deslocamento do homem para o campo, suas motivações, perspectivas e associações, ou seja, o que faz com que fique interessante buscar o campo em detrimento da cidade, investigando porque aspectos do ambiente familiar e sua (muitas vezes) reconstituição simbólica em estabelecimentos turísticos inseridos em espaços rurais pode influenciar a escolha dos turistas.

2. O Espaço Rural, a Ruralidade, Relações Sociais: descrevendo e discutindo a hospitalidade

Toma-se como referencial para a hospitalidade rural o campo e suas propriedades rurais, além das cidades de pequeno porte “em que o turista pode experimentar maior contato com um ambiente bucólico, bem como com os costumes locais e o dia-a-dia da vida no campo” (PORTUGUEZ, 2002, p.30). A identificação dessa identidade e potencialidade cultural é de fato uma grande estratégia no fomento da hospitalidade.

Em relação a essa questão, Baptista (2002) chama a atenção para a necessidade de uma ética da hospitalidade que torna os lugares mais humanos. Como a mesma autora ressalta, as cidades estão perdendo este sentido dos espaços comuns e colecionando não-lugares, espaços vazios antropologicamente, acarretando um enfraquecimento dos laços sociais, o que pode afetar negativamente a hospitalidade, reforçando a busca pelo meio rural. Vários espaços



turísticos evoluem através de ondas de ocupação, acompanhando modismos ou produzidos pelo consumo do espaço, ocasionando a degradação/destruição, descaracterização e perda dos recursos culturais/sociais de uma comunidade, população, comprometendo, portanto, a hospitalidade, nos remetendo ao seu caráter de fragilidade enquanto uma performance altamente especializada.

Entretanto, guardando os devidos cuidados, na hospitalidade rural, do campo ou de cidades de pequeno porte, podemos conferir algumas características peculiares como: maior expressividade da hospitalidade privada do que da comercial, com relações mais próximas e acolhimento das pessoas no espaço residencial tanto para alimentação quanto para hospedagem, já que existe a tendência a ser encontrada uma maior abertura para o outro com menos desconfiança, por não ter tanto contato com a violência dos grandes centros urbanos. Ou seja, esse espaço continua essencial enquanto referência concreta da prática social, recheado de símbolos que acessam registros individuais do ser humano, segundo a experiência pessoal de cada um.

Um símbolo bastante característico da hospitalidade rural é a oferta gastronômica de produtos caseiros e artesanais como doces, bolos, chás, café, biscoitos, sucos naturais, entre outros. Parafraseando Freyre (1997, p. 23), “em uma receita de doce ou de bolo há uma vida”, o que nos remete ao entendimento da importância desta oferta de alimentos para a construção da relação hóspede-anfitrião, além de retomar as discussões acerca das relações de gênero e do papel da mulher, inserida nos afazeres culinários. Como ícone da representação social histórica da hospitalidade rural, temos a obra de Monteiro Lobato, *O Sítio do Pica Pau Amarelo*, onde D. Benta sempre oferecia um bolo, um lanche, um refresco para suas visitas, preparados em casa por Tia Anastácia, além da acolhida calorosa aos personagens inusitados de fábulas e outras histórias, sempre bem-vindos ao sítio.

No caso da Fazenda Águas Claras, a recepção se dá por um funcionário específico que cuida de toda a fazenda, desde a recepção e gestão/contratação de colaboradores até a organização da cozinha e serviços cotidianos do andamento da fazenda. Ademais, toda a ambientação do espaço remete ao campo, ao modo de vida simples e caipira, desde o assoalho, a iluminação e a presença do fogão a lenha. Há sempre um cafezinho com bolo à mesa. A recepção é formatada de modo personalizado, onde o hóspede é quem escolhe o que deseja fazer, ou seja,



não há rigidez no serviço, sendo este maleável e flexível, visando sempre o atendimento das necessidades do visitante.

A disposição dos móveis, a atmosfera do lugar e a proximidade entre funcionários e turistas traz à tona a questão da família. É possível recriar situações similares as que ocorrem em um ambiente familiar, com pessoas que lhe são queridas e íntimas. A família acaba sendo naturalmente reproduzida, de forma espontânea, e os efeitos são sentidos por todos, havendo, portanto, expressão da hospitalidade doméstica, ainda que em um ambiente onde também prevalece a hospitalidade comercial, cuja troca é a moeda. Há outros vários colaboradores na fazenda, sempre dispostos a acompanhar o visitante para conhecer as instalações, alegando que os hóspedes gostam de interagir com os funcionários e com a atmosfera do lugar.

Com bastante propriedade, Almeida e Rield (2004) resumem as motivações do turista, corroborando com Rodrigues (1996), destacando a visita ou estada no meio rural como a busca pela vivência com pessoas simples, em oposição aos padrões comportamentais urbanos, considerados frios, distantes e despersonalizados. Compreender estas motivações é importante para que as diferenças entre campo e cidade sejam ainda mais valorizadas pela população rural.

Para referendar as trocas e possibilidades de socialização vivenciadas, vários são os depoimentos retirados do site da Fazenda Capoava que refletem a satisfação do hóspede e o sentimento de acolhimento experimentado:

Capoava reúne gente simpática, bom papo, cerveja gelada, beleza natural e comida brasileira de primeira. A hospitalidade e acolhimento são ingredientes que a diferenciam de qualquer outro hotel do gênero. Lá você se sente em casa...Ou melhor, na sua própria Fazenda!!!! Parabéns a todos que fazem Capoava ser o que é !!! (ZÉ DIOGO, 2014).

O Hotel Fazenda Capoava é tudo isso, sim: hotel requintado, parte do Roteiro de Charme, cozinha magnífica, uma paisagem natural deslumbrante, com mil e uma atividades; mas o Hotel Fazenda Capoava é, sobretudo, uma extensão da casa da gente, pela qualidade do atendimento e pelos detalhes ricos, evidentes em cada canto. Nada se compara ao pôr do sol na Capoava depois de um dia cheio. (ZÉ BOURBON, 2014).

A Capoava é sinônimo de alegria para mim e minha filha! Passamos e continuamos passando momentos inesquecíveis na Capoava! (FERNANDA MASCIGRANDE, 2014).

A Fazenda Capoava só me faz lembrar de: amigos, comida boa, lazer, muito Sol, passeios de bike, caminhadas, batida de côco com raspinhas na piscina,



além de muita diversão e natureza maravilhosa! É um lugar que pretendo voltar sempre, já faz parte da minha vida. (FERNANDA VILLELA, 2014).

A partir desses depoimentos, é possível perceber que os hóspedes buscam na fazenda o aconchego do lar, à medida que relatam que se sentem casa e que as pessoas e o lugar são hospitaleiros. A comida, como símbolo de hospitalidade, também é ressaltada. Seu feitio, seu tempero e seu modo carinhoso de elaboração. A Associação Roteiros de Charme também é lembrada, cujo requinte também é algo de valor para os hóspedes, refletindo o serviço de qualidade, que não perde por ser rústico, pelo contrário, a rusticidade é que garante a atratividade. Interessante notar, também, que a fazenda é tida como uma referência para a família, sobretudo para as crianças que certamente guardarão na memória os momentos e o tempo que passaram na fazenda, fazendo com que desenvolvam essa motivação para sempre retornar, futuramente, com suas famílias e suas respectivas crianças.

A curta distância da cidade de São Paulo também é um ponto forte que é ressaltado pelos hóspedes, assim como o ambiente natural, repleto de verde, animais e ar puro, contrapondo a dinâmica frenética da cidade grande, caótica, poluída e de um tempo acelerado, fazendo com que as pessoas declarem que a fazenda já faz parte da vida delas. Outro ponto de relevância é a oportunidade de socialização tida na fazenda, que a cidade grande, em parte, suprimiu, além do fato de poderem estreitar laços com a sua própria família e fazer novos amigos.

A noção de patrimônio familiar, portanto, integra tanto a propriedade fundiária quanto as relações de solidariedade e de afetividade como variáveis de construção dessa nova ruralidade, ou seja, operacionalizar as práticas sociais e transformá-las em força de atração. O resgate da tradição se mistura à revalorização da natureza como meio de lazer e de contemplação na mobilização tanto das camadas neo rurais como nas de turistas de final de semana, inaugurando novos campos de disputa e de conflito com a população autóctone, todavia, por outro lado, abrindo novas perspectivas de trabalho para essa mesma população (CARNEIRO, 2001).

As novas experiências engendradas por esse processo se nutrem de uma diversidade cultural e social que alimenta as trocas, enriquecendo os bens culturais e simbólicos e ampliando a rede de relações sociais. A heterogeneidade social, ainda que produza uma situação de tensão, promove o enriquecimento do tecido social das localidades sem que isso resulte em uma descaracterização da identidade cultural local, necessariamente. A diversidade pode atuar no sentido de consolidar as identidades dos grupos ao possibilitar uma consciência de si na relação com o outro, o que pode contribuir



igualmente para a definição de uma identidade urbana no interior de uma localidade tida como rural e vice-versa. (CARNEIRO, 2008, p. 33).

Nesse contexto, a atividade turística promove a difusão da diversidade e incrementa as possibilidades de troca sociais, cerne do próprio conceito de hospitalidade. O espaço rural, dessa forma, se traduz em um modo particular de utilização do espaço e de vida social que apresenta como características um contingente pequeno de habitantes e edificações, um uso econômico predominantemente agro-silvo-pastoril, um modo de vida marcado pela coletividade e relação peculiar com o espaço e uma identidade marcadamente camponesa.

O estado da arte no que tange a ruralidade é amplo e diversos autores discutem acerca dessa questão. O rural então é tratado como uma forma específica de relação da sociedade com o espaço, que apresenta uma característica peculiar: a sua inserção local, onde a noção de sociedade rural no singular se torna vazia. Carneiro (2001) nos leva a pensar a ruralidade como:

Um processo dinâmico em constante reestruturação dos elementos da cultura local, a partir da incorporação de novos valores, hábitos e técnicas. Tal processo implica um movimento em duas direções onde identifica-se, de um lado, a reapropriação dos elementos da cultura local partindo de uma releitura possibilitada pela emergência de novos códigos e, no sentido inverso, a apropriação pela cultura urbana de bens culturais e naturais do mundo rural, produzindo assim uma situação que pode contribuir para alimentar a sociabilidade e reforçar os laços com a localidade. Deste encontro podem surgir também expressões culturais singulares que representariam a síntese ou a combinação de universos culturais distintos, mas que sustentam noções de espaço e de tempo sociais diferentes um do outro (Carneiro, 2001, p. 15).

Aliado não somente ao fator de sobrevivência, surgem novas propostas e alternativas de usos desses espaços rurais que não as especificamente agrícolas, ou seja, a novidade do rural contemporâneo estaria na combinação de atividades até então típicas do meio urbano com as ocupações características do meio rural, surgindo noções complementares à caracterização desse rural que se inova: a de *continuum* rural-urbano e o conceito de pluriatividade, discutido por Carneiro (2001), no qual nesse caso se encaixaria a atividade exploratória do turismo.

Nessa abordagem as distinções entre cidade e campo caem por terra, uma vez que cada espaço contém em si contradições, ambiguidades e conflitos que são o resultado da relação entre sistemas de valores e de interesses diferentes. As categorias rural e urbano não designam



espaços ou propriedades empiricamente observadas, mas representações sociais, ou seja, há experiências e relações sociais tidas como rurais mas que se manifestam em espaços tidos como urbanos. Ou seja, aqui nos referimos a contextos de paisagens multifuncionais, construídas culturalmente. Conforme interpreta Carneiro (2001):

O rural pode, em alguns contextos, ser expressão da tradição, da autenticidade, das relações interpessoais, do simples, do atraso, como também pode, através de uma reelaboração simbólica por parte dos atores sociais, conter ícones da modernidade e ser expressão de uma modernização que se realiza em espaços tipicamente urbanos. (Carneiro, 2001, p. 2).

Nesse contexto, a noção de território vem reforçar a ideia de localidade não limitada a aspectos geográficos ou político-administrativos, servindo de referência para identidades construídas a partir do cruzamento de aspectos geofísicos, econômicos e culturais, referindo-se muito mais a uma imagem, uma representação, que são alimentadas e alimentam uma rede de relações sociais, podendo também se configurar como subsídio para alimentar o desenvolvimento da atividade turística e todas as especificidades necessárias para o componente atrativo dessa atividade, tais como as relações sociais estabelecidas em uma localidade ou em um estabelecimento e seu entorno, por exemplo.

A problemática do imaginário contemporâneo sobre a contraposição urbano *versus* rural revela a urgência em compreender que se trata de um constructo formado por 1) fragmentos de ideias advindas de teóricos que pensaram sobre a natureza (entendida como ambiente natural), mesmo quando já impactada pela presença humana; 2) elaboração destes fragmentos teóricos pelo senso comum ao longo de décadas, intensificando-se e alterando-se o processo quando da exibição de produtos midiáticos (novelas, filmes, documentários, etc.) ambientados no espaço agrário. Vale ressaltar que esta filtragem do que é próprio ao rural pelos meios de comunicação, via de regra, produziria um pastiche de características de paisagens e sociedades, incorrendo inclusive em anacronismos.

Diante dessa discussão a respeito do imaginário e do que realmente pode ser considerado como associado à paisagem rural, faz-se importante considerar a discussão acerca do turismo e hospitalidade rural e da conseqüente interpretação desse conceito, para entender os simbolismos que se convertem em valor para o turista. Seguindo a linha da valorização da paisagem rural, o turismo rural apresenta vários pontos positivos, com destaque para a preservação do patrimônio natural e cultural, além da promoção do intercâmbio entre os



protagonistas rurais e urbanos, minimizando o isolamento inerente a ambos através desse contato propiciado pela atividade turística. Ainda, na vertente do produtor rural, o turismo rural também funciona como uma busca por alternativas referentes ao ganho econômico do homem rural, uma vez que a renda advinda do turismo possui um retorno mais rápido do que a agricultura e pecuária, configurando-se em uma fonte de renda complementar e até mesmo substitutiva, em alguns casos, ficando o morador rural apenas ocupado da atividade de subsistência e suprimento das próprias fazendas, em atendimento à atividade turística (ALMEIDA e RIELD, 2004).

Através desse contato do homem urbano com o rural, a possibilidade do retorno às origens pode ocorrer com muita facilidade, através das experiências que podem ser vivenciadas e da forte ligação desses estabelecimentos com a terra e com a história, refletindo, de forma ainda mais genuína, os aspectos da hospitalidade, pois o lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade: habitante, identidade e lugar. A hospitalidade, segundo Cruz (2002), é fruto da construção não somente sócio espacial do local, mas também da construção cultural, política e profissional.

No caso de ambas as fazendas analisadas foi possível observar um ponto de intercessão entre os hóspedes, especificamente seu passado vivido e experimentado e o ambiente e atmosfera encontrados nas instalações dos casarões, além da relação que facilmente é estabelecida entre funcionários e hóspedes, entre os hóspedes desconhecidos, entre hóspedes e natureza e animais, independentemente desta relação e deste ambiente serem reconstituídos. O fato é que esse momento ocorre de forma natural, por referências anteriores pessoais que vem à tona espontaneamente.

Tuan (1980, p. 106), utiliza o termo *Topofilia* para descrever “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”. Recentemente o termo *Biofilia*, descrito por Wilson (1984 *apud* STRUMINSKI, 2003, p. 121), expressa a “idéia da necessidade intrínseca humana do contato com a natureza”.

Stephen Kellert (1993 *apud* STRUMINSKI, 2003) agrupou em nove tipologias biofílicas o que demonstra os valores individuais ou coletivos, pois determinadas opiniões e ações podem ser de interesse de apenas um indivíduo ou de um grupo. Estes valores básicos orientam a relação dos seres humanos com o mundo natural e que poderiam servir como elementos na



compreensão de diferentes concepções e propostas de intervenção sobre o ambiente natural, conforme descrito no Quadro 1.

Termo	Definição	Função
Utilitarismo	Exploração prática e material da natureza	Sustentação física e segurança
Moralista	Afinidade, espiritualidade, ética, altruísmo,	Proteção
Negativista	Medo, aversão, alienação	Segurança, proteção, fobias
Simbólica	Uso da natureza para expressões metafóricas	Desenvolvimento mental, comunicação
Estética	Beleza física (ideal) da natureza	Inspiração, harmonia, paz, segurança, modelo
Dominionística	Domínio da natureza	Conquista, controle físico coragem, habilidades para subjugar
Naturalismo	Satisfação com contatos diretos com a natureza	Desenvolvimento físico e mental, curiosidade, atividades na natureza
Humanista	Sentimentos emocionais profundos a elementos individuais da natureza (árvore, animais)	Cooperação, solidariedade, fortalecimento de relações entre grupos, pessoas e animais
Ecológico- científica	Estudos sistemáticos da natureza	Busca do conhecimento e compreensão

Quadro 1: Tipologia de Valores Biofílicos

Fonte: adaptado de Kellert (1993 *apud* STRUMINSKI, 2003)

Para analisar as interações existentes entre os seres humanos e o meio é necessário que três áreas sejam conhecidas e são elas: a cognição (processos de perceber, conhecer e pensar); afetividade (que esta relacionada aos sentimentos, sensações e emoções) e a conexão entre a ação humana sobre o meio, como resposta a cognição e afetividade. O entendimento das cognições da percepção e da afetividade do ser humano é fundamental para o planejamento de ações e políticas que envolvem o trabalho no turismo rural, focando suas necessidades, registros do passado e desejos intrínsecos de busca individual, para então trabalhar de forma satisfatória as apropriações simbólicas das quais os gestores lançarão mão para atingir o sucesso do empreendimento.



3. Contradições e Possibilidades do Espaço Rural

Nesse momento buscaremos entender o porquê do crescente deslocamento do homem para o campo, suas motivações, perspectivas e associações, ou seja, o que faz com que fique interessante buscar o campo em detrimento da cidade, do ambiente urbano. Quando nos referimos ao homem urbano, importante ressaltar o processo de construção cultural pelo qual ele passou para que, a partir dessa construção individual e também coletiva, verificar quais associações está acostumado a fazer, ou seja, quais retomadas histórias, ambientais, sentimentais e sociais farão com que este homem, através da representação dos símbolos, sinta-se atraído e impelido ao movimento da busca por algo que, nesse contexto, se refere ao ambiente rural.

Geertz (1989) coloca que o homem necessita dos símbolos para se reconectar ao mundo, pois sem a presença das representações simbólicas, não há como efetuar associações, ou seja:

Não dirigido por padrões culturais - sistemas organizados de símbolos significantes - o comportamento do homem seria virtualmente ingovernável, um simples caos de atos sem sentido e de explosões emocionais, e sua experiência não teria praticamente qual quer forma. (GEERTZ, 1989, p. 33).

É importante considerar que o tempo e o espaço irão, de forma inevitável, influenciar a vida afetiva que, conseqüentemente, ditará a dinâmica de distanciamento interno e externo acerca dos contatos pessoais que a vida das cidades impõe. A entronização do princípio da calculabilidade, a indiferença e o sentimento *blasé* como emoções típicas da indiferenciação qualitativa operada pelo dinheiro transformado em meio universal de troca, são problemáticas da dinâmica social das metrópoles. A partir dessa premissa, a constante procura pelo rural, bucólico também pode ser atribuída ao constante movimento de desumanização da cidade pelo tempo da mercadoria e do capital financeiro, negando sua herança comunitária de lugar de encontro e de lutas. Segundo a autora, “a cidade torna-se centro privilegiado do consumo em detrimento de seu significado como lugar da política” (MARQUES, 2002, p. 207).

A reivindicação da natureza e o desejo de dela se aproveitar se anuncia indiretamente como tendência a fugir da cidade deteriorada, da vida urbana alienada. Esta reivindicação é um desvio do desejo de uma vida mediada pelo valor de uso, da utopia de uma vida plena na qual possamos ter atendidas as necessidades de atividades criadoras, de obra, de informação, de imaginário e de atividades lúdicas, além das necessidades básicas socialmente elaboradas.



Cavaco (1996) nos chama a atenção para o fato de que o espaço rural não corresponde, todavia, a um destino turístico realmente novo. Segundo a autora, as migrações de férias traduziram durante muito tempo as relações cidade/campo, pela crescente urbanização da velha nobreza fundiária e pela territorialização das burguesias urbanas. Para muitos, não se tratava de pausas no trabalho e na rotina dos seus cotidianos para recuperação de forças físicas e mentais, mas sim uma mudança de ares, de ambiente e de rotina, ociosa ou não. As visitas sazonais ou periódicas, muitas vezes atreladas à época de colheita, não tinham qualquer dimensão comercial e não desencadeavam processos de mudança nas estruturas socioeconômicas locais.

Em outros casos, os espaços rurais foram procurados e visitados pelo clima e pela qualidade do ambiente, alguns em função de suas propriedades de cura, pela presença de termas, pelas montanhas ou planícies. No decurso dos últimos cinquenta anos, a procura do campo, dos espaços rurais tradicionais como espaços de férias registrou dinâmicas novas e incrementou a necessidade do desenvolvimento e da criação de equipamentos capazes de acolher o fluxo turístico que se instalou, definindo novas maneiras de trabalho, recepção e hospitalidade.

As fazendas históricas, entretanto, representam um período de apogeu econômico e principalmente, de início de um novo ciclo, onde novas oportunidades e novas relações são marcadas pela presença do estrangeiro no Brasil. Nesse ambiente, prevalecia a hospitalidade doméstica, marcada pela forte presença feminina e todos os ritos que acompanham a figura da mulher. Ela cuidava de todos os afazeres da casa e ainda representava o homem na comunidade caso este estivesse fora, ou seja, a mulher representava o marido publicamente, quando da sua ausência. Ainda, em períodos de hostilidade e guerra, cujos meios de comunicações eram letárgicos, a mulher assumia todas as responsabilidades e todas as obrigações. É possível verificar, portanto, que a mulher detinha um papel nobre e decisivo na vida social e exercia um poder efetivo no cenário em que atuava (BAUER, 2001).

Atualmente, esses espaços constituídos nas fazendas históricas estudadas têm sido reutilizados e apropriados pela atividade turística, funcionando como estabelecimentos de hospedagem e compondo a estrutura relativa aos equipamentos necessários para o turismo. Outro fator interessante é que nessas estruturas coexistem duas formas de hospitalidade: a doméstica e a comercial. No caso das Fazendas Capoava e Águas Claras, os proprietários passam grande parte do seu tempo no local, residindo boa parte dos dias da semana,



especialmente nos finais de semana, para acompanhar os serviços mais de perto e garantir a qualidade da experiência dos hóspedes, participando, muitas vezes, desta experiência juntamente com os visitantes.

A hospitalidade, portanto, no âmbito das organizações, tende a promover o relacionamento entre os equipamentos e a sociedade. Dentro dessa perspectiva, a dinâmica da gestão empresarial é ampliada, cuja finalidade não deve restringir a organização do setor para atender apenas às necessidades do mercado, mas ultrapassar o objetivo econômico e atingir o social, contemplando relações de confiança e solidariedade, de comprometimento de reciprocidade, para atingir a hospitalidade. (FONTES e LAGE, 2003).

Segundo Lefebvre (1974), o espaço não pode ser encarado apenas como local ou às relações sociais advindas deste, pois ele representa uma multiplicidade de preocupações sócio materiais. O espaço é ao mesmo tempo o local geográfico onde se estabelece a ação somada a todas as possibilidades sociais de interação, ou seja, como propriedade, as relações sociais podem ser consideradas parte das relações sociais de produção, isto é, a base econômica. Além disso, o espaço é um objeto de consumo e um instrumento político.

Ao observarmos, por exemplo, as dependências da Fazenda Capoava, percebemos que foi necessário que esta passasse por uma adaptação estrutural para receber o turista, entretanto, essa mudança não se apresenta tão significativa, pois várias dependências da casa grande permanecem originais, visto que a hospitalidade era presente nos tempos áureos do café. Ademais, à medida que ocorre o atendimento da necessidade do hóspede com qualidade, de forma profissional e suas expectativas nesse sentido são superadas, digamos que há expressão da hospitalidade, ainda que o argumento de troca seja a moeda, pois nesse momento, pode coexistir a troca social representada, por exemplo, por uma boa relação entre anfitrião e hóspede, um momento de fruição cultural ou histórica que não estava previsto no valor da diária cobrada pela hospedagem.

As estruturas das fazendas foram pensadas também para receber as pessoas, acontecendo a dinâmica das relações sociais, familiares ou de negócios, cujos alpendres, pergolados, grandes e amplas salas e, até mesmo, capelas representavam o espaço onde então se recebia, atendia demandas, firmavam contratos, enfim, acontecia a dinâmica da vida nas fazendas. Interessante notar que nos dias de hoje, alteram-se as necessidades e os propósitos, mas as estruturas



adaptadas atendem sobremaneira à arte de receber, de servir, de atender, enfim, de ser hospitaleiro.

Várias linhas de investigação contribuíram para os estudos do patrimônio cultural enquanto bens materiais produzidos, que circunscreviam culturas passadas ou presentes, de modo a lhes conferir identidade e legitimação. A intenção é a de considerar como patrimônio cultural não apenas as edificações, mas também a produção simbólica e bens não materiais construídos por grupos sociais e mantidos por esses, seja através de ritos ou representações; sistemas de crenças ou memória; pelas práticas sociais informadas pela tradição assim como as diferentes manifestações de suas territorialidades.

Este personalismo caracterizaria nosso “homem cordial”, fomentando um tipo de sociabilidade própria do brasileiro: “a lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade”, (HOLANDA, 1997, p. 146), virtudes que, contudo, ao invés de expressar civilidade, são sim “expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante”, (*idem*, p. 147). Assim, Holanda construirá os traços que formam o caráter nacional: o uso de diminutivos para expressar familiaridade, o horror às distâncias, a religiosidade, que torna Deus e os santos amigos familiares.

É possível observar a presença de imagens e símbolos religiosos espalhados pelos casarões da Capoava e da Águas Claras, assim como capelas anexas à casa sede, demonstrando que os proprietários se importam com esse valor e fazem questão que esses valores estejam à vista, aproximando pessoas e estreitando laços através das crenças comungadas. O grande espaço da sala de estar se comunica com o alpendre e também com a cozinha, pois outrora o espaço físico era único, onde a entrada da casa se dava pelo alpendre e culminava com a cozinha ao fundo. Essa situação nos remete ao casarão da Fazenda Capoava, onde a casa sede possui um alpendre para que os senhores pudessem receber as pessoas, conversar, tratar de negócios, se relacionarem, exercer a hospitalidade. Tudo isto contradiz o espírito de polidez e civilidade tal como constituídos na Europa em que é fundamental a manutenção de distâncias sociais como uma forma de defesa perante a sociedade. Holanda (1997) constrói, portanto, a imagem do homem cordial, símbolo de brasilidade, fundamentando-a no personalismo herdado do cristão novo, mas cultivado na família.

Enquanto estão na casa, os hóspedes talvez possam ser vistos como parte de uma grande família, com o provedor-chave sendo considerado quase uma figura “materna”. Mulheres e



homens não só sentem a moradia de modo diferente como também há bons motivos para acreditar que o ambiente doméstico ocupa uma maior centralidade na vida das mulheres do que na dos homens, como resultado do papel doméstico das mulheres: o serviço de cama e mesa:

As próprias mudanças da condição feminina obedecem sempre à lógica do modelo tradicional entre o masculino e o feminino. Os homens continuam a dominar o espaço público e a área de poder (sobretudo econômico e de produção), ao passo que as mulheres ficam destinadas (predominantemente) ao espaço privado (doméstico, lugar de reprodução) em que se perpetua a lógica da economia de bens simbólicos, ou a essas espécies de extensões deste espaço, que são os serviços sociais (sobretudo hospitalares) e educativos, ou ainda aos universos de produção simbólica (áreas literária e artística, jornalismo, etc). (BOURDIEU, 1999, p. 112).

É importante lembrar, para também se entender a questão da submissão feminina, que as mulheres sempre foram tratadas nas sociedades como meios de troca, representando um meio pelo qual o homem acumula capital social e simbólico, o que era obtido mediante a aliança de casamento. Ainda hoje, as mulheres contribuem de forma direta e decisiva na produção e reprodução do capital simbólico da família, fortalecendo o núcleo doméstico. É possível perceber a participação feminina nas fazendas através da presença nos negócios, pois a cozinha é gerenciada pelas mulheres, esposas dos funcionários e mescladas na gestão estão as mulheres, por suas características intrínsecas e aptidão para o cuidar, para o servir e para a organização da casa, nos remetendo, novamente, à essência da hospitalidade.

Abrams (2001) faz uma reflexão sobre a possível tendência da mulher ao “ato de servir”, procurando investigar e justificar esse comportamento, denominado como “deslocamento”. Segundo a autora, a mulher tem uma grande facilidade de deslocar sua atenção e seus interesses de si mesma para a vida e necessidades do outro, deixando que os demais ocupem um espaço central em sua vida. Para Bourdieu (1999), o papel da mulher dentro do contexto doméstico está voltado em boa parte a criar uma integração da família e uma relação desta com seu entorno social:

Sustentar relações de parentesco e todo o capital social com a organização de toda uma série de atividades sociais ordinárias, como as refeições que toda a família se encontra, ou extraordinárias, como as festas e cerimônias destinadas a celebrar ritualmente os laços de parentesco e a assegurar a manutenção das relações sociais e da projeção social da família, ou as trocas de presentes, de



visitas, de cartas ou de cartões postais e telefonemas. (BOURDIEU, 1999, p. 116).

Esta análise de Bourdieu (1999) sobre o papel da mulher dentro das relações familiares sugere que ela seja a responsável por manter as relações humanas no que se refere a cultivar laços de parentesco e manter a família em contato com o seu meio social. Assim, ao que tudo indica, mesmo quando restrita ao espaço doméstico, a mulher parece ter uma aptidão para cultivar relacionamentos e o faz não só promovendo eventos de socialização trazendo pessoas para dentro de seu espaço (lar), como mantendo elos de ligação com as pessoas através do uso dos instrumentos de relação (telefonemas, correspondências, etc).

O transcurso da vida familiar é uma ferramenta conceitual útil para entender as dimensões de papéis de gênero socialmente construídos. No estudo de pequenos empreendimentos, essa ferramenta pode se mostrar valiosa para se compreender como os papéis ligados ao gênero podem sustentar as interações com hóspedes e funcionários. Nesse caso, o lugar se configura como a expressão mais nítida de uma ordem local, encarada como aquela que se define, sobretudo, pelas relações de proximidade, pela co-presença, por um cotidiano compartilhado, enfim, por um feixe de relações que se organiza no lugar vivido, que corresponderia à escala da habitação, do abrigo, do lar. Lefèbvre (1974) afirma que as representações do espaço têm considerável peso e influência na produção deste espaço, principalmente levando em conta que correspondem a um sistema de signos, símbolos e códigos de representação dominantes em uma sociedade e que estão relacionados ao exercício do poder e à conformação do espaço abstrato.

O termo habitado, de habitar, acrescenta à ideia de espaço um novo elemento, o homem. O espaço ganha significado e valor em razão da simples presença do homem, seja para acomodá-lo fisicamente, como o seu lar, seja para servir como palco para as suas atividades. No momento em que o homem nele é inserido, a paisagem é transformada em um lugar. A simples presença do homem modifica e qualifica-a, uma vez que o lugar é o espaço dotado de valor pelo homem, e este está contemplado naquele, em presença física e/ou simbólica.

Tuan (1983) relaciona o tempo e o lugar de três formas: adquirimos afeição a um lugar em função do tempo vivido nele; o lugar seria uma pausa na corrente temporal de um movimento, ou seja, o lugar seria a parada para o descanso, para a procriação e para a defesa; e por último, o lugar seria o tempo tornado visível, isto é, o lugar como lembrança de tempos passados,



pertencente à memória. Tuan (1983, p. 33) discursa que o significado de espaço freqüentemente se funde com o de lugar, uma vez que as duas categorias não podem ser compreendidas uma sem a outra. Segundo ele, o que começa como um espaço indiferenciado, transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. “O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado. Quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar” (*idem*). O autor define os lugares como “centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação” (*idem*), ou seja, “O modo no qual você está e eu estou, o modo no qual nós humanos estamos sobre a terra, é habitar” (*idem*).

Tomando como exemplo a casa, que para Bachelard (1993, p. 24 e 25) “é o nosso canto do mundo. [...] abriga o devaneio, [...] protege o sonhador, [...] permite sonhar em paz”, ela seria o lugar primeiro do homem, o seu lugar de referência. Mesmo nela, podemos encontrar um lugar preferido, onde gostamos de ficar, o nosso canto, como diz ainda Bachelard: “encontramos nas próprias casas redutos e cantos onde gostamos de nos encolher”. Dessa forma, cabe aqui a discussão acerca do lar. O lar, segundo Coulanges (1981):

Toma posse do solo; apossa-se desta parte de terra que fica sendo, assim, sua propriedade. A família está vinculada ao lar e este, por sua vez, encontra-se fortemente ligado ao solo. Como o lar, a família ocupará sempre este lugar. O lugar pertence-lhe: é sua propriedade, propriedade não de um só homem, mas de uma família, cujos diferentes membros devem vir, uns após outros, nascer e morrer ali (COULANGES, 1981, pp. 64 e 65).

Em se tratando da dinâmica da relação anfitrião/hóspede, é importante destacar que um lar pode ser utilizado simbolicamente de diferentes modos: como objeto de *status*, expressão de gosto estético, refúgio confortável, lugar para expressão de ordem e beleza, aconchego feminino e lugar onde se é acolhido pela mulher/mãe. O lar e seus conteúdos são identificados como representantes simbólicos de nossos egos. *Insights* acerca das realidades da vida familiar, como uma atração-chave para os hóspedes, particularmente para aqueles originários do estrangeiro, foram realizados por Stringer (1981) e Pearce (1990), onde foi possível identificar que a acomodação doméstica pode funcionar como uma necessidade cultural.



4. Reencontrando o Presente: modificações e apropriações assumidas pela hospitalidade

Pretendeu-se neste artigo, discutir a respeito do ambiente em que a hospitalidade pode se expressar e como suas práticas podem se dar em variados contextos, com destaque para o espaço rural e por meio do turismo rural. Foi possível verificar que a hospitalidade lança mão das possibilidades domésticas e dos grandes espaços disponíveis nos grandes casarões e fazendas históricas, propícios para acolher.

O principal ponto forte a ser ressaltado em relação à hospitalidade rural é a simplicidade dos estímulos, das pessoas e a maior facilidade de leitura de seus elementos constitutivos, o que segundo Grinover (2002) torna o local mais hospitaleiro e, conforme Rodrigues (1996), atende às motivações do turista de se deslocar até o campo. Lembrando também que, quanto mais estes elementos genuínos forem conservados, mais aptas as localidades estariam para encarar esta nova tendência turística de busca pela autenticidade cultural.

Em se tratando de símbolos, e o fato de a hospitalidade estar recheada destes, lançando mão desses artifícios para se obter uma hospitalidade comercial, não há como deixar de associar a hospitalidade à mercadoria. Há o momento em que a mercadoria ocupa totalmente a vida social, aonde não apenas a relação com a mercadoria é visível, mas não se consegue enxergar nada além dela: o mundo que se vê é o seu mundo. Debord (1994) compara esse momento ao da segunda revolução industrial, cujo consumo alienado torna-se para as massas um dever suplementar à produção alienada.

A alienação está presente na hospitalidade todas as vezes que o indivíduo age, de forma individual ou coletiva, de forma a mascarar a autenticidade dos fatos e dos acontecimentos, moldando a realidade e a história de forma a atrair, impressionar ou agradar ao visitante, por exemplo. Aqui se ressalta a contradição observada no universo da hospitalidade: sua característica dúbia e representativa, ainda que momentos genuínos possam ser observados, de naturalidade das relações e dos acontecimentos entre hóspede e anfitrião.

Para os casos de uma hospitalidade comercial, têm-se aqueles estabelecimentos que forjam situações de recepção, reproduzem ou reconstróem ambientes familiares para que o hóspede sinta-se verdadeiramente acolhido, sendo nada mais do que um retorno à ideia da atividade turística como mercadoria: vendida, comprada, apreciada, trocada. Os equipamentos *bed & breakfast*, por exemplo, exemplificam a comercialização da prestação de serviços atribuídos primeiramente ao ambiente doméstico e ressaltam a existência de uma relação de



hospitalidade dentro desta atividade comercial, uma vez que, além de envolver tarefas de compras, preparo e fornecimento de alimentos, limpeza e arrumação de quartos e da casa para proporcionar uma atmosfera limpa e asseada para o hóspede, estes estabelecimentos acabam possibilitando a recriação do lar, dentro de uma atmosfera ordenada, acolhedora e segura.

Tomando como ponto de partida os depoimentos dos hóspedes, elencados na própria página da Fazenda Capoava, por exemplo, é possível visualizar o quanto essas pessoas conseguem se conectar ao campo, à experiência, à socialização, a outras pessoas, enfim, às atividades as quais as fazendas se propõem a realizar e, sobretudo, se conectam, de certa forma, com o que há de melhor em si próprios, pois se mostram abertos a viver momentos genuínos, de troca, de alegria, de cuidado, retomando novamente uma característica natural e cultural existente no ser humano, que sofisticada o cuidar.

O fato é que os indivíduos, conforme nos lembra Camargo (2008), são orientados por regras que ancestralmente ditam a postura de um indivíduo ou de um grupo em face do estranho e de grupos estranhos. Este é o sistema da dádiva, no qual a troca não é equilibrada como no sistema comercial, que vem se tornando a tônica das trocas humanas depois do século XVI. Mas, contrariamente à troca comercial saldada pelo pagamento, o sistema da dádiva é infinito, sendo ainda, tradicionalmente percebido nos dias de hoje. Há, de certa forma, um reconhecimento do outro nessas relações, um reconhecimento que se dá ao compartilhar algo que é valor para ambas as partes, o que nesse caso, poderia ser exemplificado pela ligação com a terra, pelo gosto pela gastronomia e pela retomada à infância, um passado vivido na casa da avó, cujos laços familiares são presentes.

As referências que podem ser destacadas dizem respeito a tudo que é simbólico e reconhecido pelo hóspede, ou seja, a gastronomia caipira, servida no fogão à lenha, de onde a comida não é retirada; o mato e o verde recheado de animais, o cheiro da terra, o frescor da relva, a brisa fresca do campo, as brincadeiras de criança na chuva, a moda de viola e a contação de “causos”, a fogueira e o violão, os elementos antigos da época de plantio do café, o próprio café, seu aroma, seu o frescor e seu quentume, tomado na hora em que é coado, ainda em coador de pano. O fato de esses símbolos também remeterem a algum período bom da infância, tanto do visitante quanto do anfitrião, também faz das fazendas lugares impregnados de referência.



É possível perceber, portanto, cada vez mais a busca dos habitantes das grandes cidades pelo campo, pela natureza, por qualidade de vida, ou ainda, uma retomada às suas raízes. Todavia, segundo estudo realizado por Resende (2007), quando algumas pessoas buscam o campo (ou seja, esta busca é idealizada, o local da tranquilidade, do verde, do “tempo lento”), também querem ter acesso aos bens de consumo urbano-industriais. Por esse motivo, o estudo do autor identifica hotéis-fazenda que, mesmo reproduzindo uma paisagem tipicamente rural, buscam oferecer aos seus hóspedes serviços especiais, como acesso à internet, piscinas, quadras de esporte, televisão via satélite, entre outros. Com efeito, forma-se uma rede de serviços não agrícolas ou até mesmo urbanos em um cenário que, para o padrão tradicional, seria uma área tipicamente rural.

No caso da Fazenda Águas Claras, há unidades habitacionais com televisões de plasma e conexão à cabo com inúmeros canais e programação disponível. Há também conexão via internet em determinados locais da fazenda, assim como também acontece na Capoava. Entretanto, é importante discutir também sobre o quanto um lar pode ser habitado, ou seja, até que ponto o lugar doméstico se apresenta apenas como espaço não habitado, uma vitrine, destinada ao encantamento do hóspede/visitante. Dentro dessa premissa, pode ser útil e instrutivo verificar o desejo e a necessidade dos hóspedes quanto a esses significados simbólicos, uma vez que há empresários interessados nessa questão.

Debord (1994) pondera que a atividade turística se configura como um subproduto da circulação das mercadorias e se apresenta como uma circulação humana considerada como consumo, resumindo-se no lazer de ver e participar de algo que se tornou banal, ou seja, a alienação propriamente dita, a reconfiguração, a reconstrução para a venda, faz da atividade turística algo banalizado. A mesma modernização que retirou da viagem o tempo, lhe retirou também a realidade do espaço, segundo o autor. A discussão acerca da espetacularização, ficando aqui como sugestão a futuras reflexões, traz à tona questões que levam em conta a reutilização de espaços, unidades e serviços, componentes da estrutura e da dinâmica das fazendas, submetendo essa análise à crítica da mercadoria e a possibilidade da expressão da hospitalidade.

Há, o que podemos dizer, certo acabamento para o consumo, na medida que as estruturas das fazendas são adaptadas para uma melhor expressão da hospitalidade, para que, de fato, a atividade da recepção aconteça à contento. Exemplos dessa adaptação podem ser observados



nas alterações da tulha, na casa sede, na antiga senzala e também no pergolado, acontecendo o que poderíamos dizer de uma mercantilização dos componentes da hospitalidade: o que acontece outrora é o mesmo que acontece hoje: exploração instrumentalizada em uma estratégia de negócio. Ontem a senzala, hoje o balcão da recepção.

A mediação do mercado condiciona e atravessa todos os setores da vida cultural e, todos os campos estão subordinados a um apelo ao prazer e ao lúdico. A transformação da cultura em mercadoria e sua correspondente massificação e consumo como atividade de lazer, aqui representadas pelo ambiente das fazendas e suas atividades, terminam por delimitar um campo particularmente rico para a percepção das contradições e tensões contemporâneas, onde mais uma vez, se encontra a hospitalidade, ou seja, o receber interessado, a troca nunca livre da reciprocidade, o comercial e o dadivoso, enfim.

É um espaço no qual se associa a liberdade inerente ao pequeno impacto político nas relações efetivas de poder, com a necessidade do sucesso nas vendas. O consumo acaba por determinar, de certa forma, o lazer e o turismo, cujo grande facilitador desse processo é a mercantilização das relações, com a subordinação ao mercado invasor. As pessoas tornaram-se consumidoras de mercadorias no seu tempo de lazer, reforçados pelo poder discursivo da mídia, que é um dos responsáveis pela propagação da ilusão de que as sensações e experiências também podem ser compradas. A prática do consumo não se dá apenas pela compra de determinados objetos, mas também símbolos, significações, serviços e informações (ações e produções simbólicas), conforme discute Baudrillard (1991).

No caso das fazendas, portanto, não seria diferente a questão paradoxal observada no cerne da hospitalidade, a de que as experiências podem ser compradas e o consumo reflete um ambiente recriado. Todavia, as impressões dos hóspedes retratadas nos depoimentos descritos na página da Fazenda Capoava, por exemplo, refletem um ambiente muito natural e de certa forma original, onde a vida segue acontecendo na sua essência, atribuindo-se os acontecimentos à dinâmica de cada relação e o que naturalmente ela carrega. Através desse contato do homem urbano com o rural, a possibilidade do retorno às origens pode ocorrer com muita facilidade, através das experiências que podem ser vivenciadas e da forte ligação desses estabelecimentos com a terra e com a história, refletindo, de forma ainda mais genuína, os aspectos da hospitalidade.



Referências

- ABRAMS, R. *Jogo de cintura*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2001.
- ALMEIDA, J. A.; RIELD, M. *Turismo Rural Ecologia, Lazer e Desenvolvimento*. Rio Grande do Sul: EDUSC, 2004.
- BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BAPTISTA, I. Lugares de Hospitalidade. In: DIAS, C. M. M. (org.) *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. São Paulo: Manole, 2002.
- BAUER, C. *Breve história da mulher no mundo ocidental*. São Paulo: Xamã, Edições Pulsar, 2001.
- BAUDRILLARD, J. *Simulacros e simulação*. Coleção Antropos, Lisboa: Editora Relógio D'água, 1991.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- CAMARGO, L. O. L. *A pesquisa em hospitalidade*. In: Revista Hospitalidade, Ano V, no. 2, dez, 2008.
- CARNEIRO, M. J. *Do rural ao urbano: uma nova terminologia para uma velha dicotomia ou a reemergência da ruralidade*. In: II Seminário sobre o novo rural brasileiro. Anais..., NEA/UNICAMP, Campinas, 2001.
- CARNEIRO, M. J. *"Rural" como categoria de pensamento*. Ruris, volume 2, número 1, 2008.
- CARVALHO, A. N. *Análise da relação simbólica da hospitalidade: desdobramentos e apropriações em fazendas históricas inseridas em espaços rurais*. 2012. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP Campus Rio Claro, Rio Claro, 2012.
- CAVACO, C. Turismo rural e desenvolvimento local. In: CARLOS, A. F. A.; YAZIGI, E.; CRUZ, R. C. A. (org.) *Turismo, paisagem e cultura*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- CRUZ, C. A. Hospitalidade Turística e Fenômeno Urbano no Brasil: considerações gerais. In: DIAS, C. M. M. (org.) *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. São Paulo: Manole, 2002.
- COULANGES, N. D. F. *A Cidade Antiga*. Martins Fontes/Editora Universidade de Brasília, 1981.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1994.
- FERNANDA VILLELA. Disponível em <http://www.fazendacapoava.com.br/v3/pt/hotel-fazenda/depoimentos>. Acesso em 08 de Abril de 2014.
- FERNANDA MASCIGRANDE. Disponível em <http://www.fazendacapoava.com.br/v3/pt/hotel-fazenda/depoimentos>. Acesso em 08 de Abril de 2014.
- FONTES, E.; LAGE, C. S. Apropriação do espaço pelo turismo em Sauípe e seu impacto no desenvolvimento local. In: CORIOLANO, L. N. M. T.; LIMA, L. C. *Turismo Comunitário e Responsabilidade Sócio-Ambiental*. Fortaleza: Editora EDUECE, 2003.
- FREYRE, G. *Açúcar: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do nordeste do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Editora: LTC – Livros técnicos e Científicos. Rio de Janeiro. 1989.
- GRINOVER, L. Hospitalidade: um tema a ser reestudado e pesquisado. In: DIAS, C. M. M. (org.) *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. São Paulo: Manole, 2002.
- HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- LEFEBVRE, H. *A Produção do Espaço*. Paris: Armand Colin, 1974.



- MARQUES, M. I. M. *O conceito de espaço rural em questão*. Terra Livre. São Paulo, n. 19, 2002.
- ORTIGOZA, S. A. G. As possibilidades de aplicação do método de análise regressivo - progressivo de Henri Lefèbvre na geografia urbana. In: GODOY, P. R. T. (org.) *História do pensamento geográfico e epistemologia em geografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- PEARCE, P. L. *Farm tourism in New Zealand: a social situation analyses*. Annals of tourism research, v. 17, nº3, 1990.
- PORTUGUEZ, A. P. *Agroturismo e Desenvolvimento Regional*. São Paulo: Hucitec, 2002.
- RESENDE, S. Interações entre rural e urbano: discussões e tendências de análise. In: MARAFON, G. J.; PESSOA, V. L. S. (org.). *Interações Geográficas: a conexão interinstitucional de grupos de pesquisa*. Uberlândia: Roma, 2007.
- RODRIGUES, A. B. A produção e o consumo do espaço para o turismo e a problemática ambiental. In: CARLOS, A. F. A.; YAZIGI, E.; CRUZ, R. C. A. (org.) *Turismo, paisagem e cultura*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- STRINGER, P. F. *Hosts and gests: the bed-and-breakfast phenomenon*. Annals of tourism research, v. 8, nº3, 1981.
- STRUMINSKI, E. *A Ética no Montanhismo*. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 7, p. 121-130, jan./jun., Editora UFPR, Curitiba, 2003.
- TUAN, Y. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.
- TUAN, Y. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1980.
- ZÉ DIOGO. Disponível em <http://www.fazendacapoava.com.br/v3/pt/hotel-fazenda/depoimentos>. Acesso em 08 de Abril de 2014.
- ZÉ BOURBON. Disponível em <http://www.fazendacapoava.com.br/v3/pt/hotel-fazenda/depoimentos>. Acesso em 08 de Abril de 2014.

Recebido em: 12/08/2013 (1ª versão) 19/05/2014 (última versão)

Aprovado em: 22/06/2014